

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS EM REDE: DO *ETHOS* DE SABERES AO *HABITUS* DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO COM A SOCIEDADE

Jeniffer Cuty
UFRGS - Brasil

Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa em andamento junto aos museus e acervos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a fim de identificar as especificidades de cada Instituição Museológica formada na UFRGS e de sua relação efetiva com a sociedade. A metodologia adotada em campo é qualitativa, própria dos estudos de memória coletiva e imaginário urbano-social, com aproximações aos conceitos de *ethos* acadêmico e de *habitus* de Pierre Bourdieu. Toma-se como *corpus* de análise três espaços museais localizados em três campi, com temáticas, tipologias de acervos e intenções curatoriais distintas, porém entendidos como instituições que integram solidariamente as funções científico-documentais, educacionais e culturais da Universidade com a marca da ação museal, ou seja, os princípios de integração com a sociedade que os acolhe e os produz. Como assinala o prof. Ulpiano Bezerra de Menezes da USP, “não basta um museu *para* a Universidade; é preciso um museu que atinja toda a sociedade *pela* Universidade”. Nessa linha de análise a pesquisa tem caminhado, buscando identificar em quais espaços e momentos esse potencial tem ocorrido, de maneira a socializar imediata e eficazmente o conhecimento produzido, sobretudo no que se refere à extensão e à pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Museus universitários. Rede de museus. Museologia social. Porto Alegre. Memória coletiva. Imaginário urbano-social.

MUSEOS UNIVERSITARIOS EN RED: DEL *ETHOS* AL *HABITUS* DE COMPARTIR EL CONOCIMIENTO CON LA SOCIEDAD

Resumen

Este artículo parte de una investigación realizada en los acervos de los museos de la *Universidad Federal de Rio Grande do Sul* a fin de identificar las especificidades de cada institución museológica formada en la UFRGS y su relación efectiva con la sociedad. La metodología de campo adoptada es cualitativa, propia de los estudios de la memoria colectiva y el imaginario urbano-social, con aproximaciones a los conceptos de *ethos* académico y *habitus* de Pierre Bourdieu. Como *corpus* del análisis se utilizan tres espacios museales localizados en tres campos con temáticas, tipologías de los acervos y propósitos curatoriales distintos, aún cuando todas ellas son instituciones que integran -en forma solidaria- funciones científico-documentales, educacionales y culturales de la Universidad con el sello de la acción museal,

es decir, los principios de integración con la sociedad que los acoge y los produce. Como señala el profesor Ulpiano Bezerra de Menezes de la USP, "... no basta un museo *para* la Universidad, es preciso un museo que abarque a toda la sociedad por la Universidad". La investigación está encaminada en base a una línea de análisis que busca identificar en qué espacios y en qué momentos ese potencial ha tenido lugar, a fin de socializar inmediata y eficazmente el conocimiento producido, sobre todo en lo que se refiere a la extensión y la investigación académicas.

Palabras clave: Museos universitarios. Red de museos. Museología social. Porto Alegre. Memoria colectiva. Imaginario urbano-social.

UNIVERSITY MUSEUMS NETWORK: FROM THE *ETHOS* TO THE *HABITUS* OF SHARING KNOWLEDGE WITH SOCIETY

Abstract

This article stems from a research on the collections of the museums from the *Federal University of Rio Grande do Sul*, with a view to identifying the specificities of each museological institution created in the FURGS and its effective relationship with society. The field methodology adopted is qualitative, characteristic of the surveys on collective memory and urban-social imaginarium, approaching to the concepts of academic *ethos* and *habitus* of Pierre Bourdieu. As *corpus of analysis*, three museal spaces are used in three areas with different topics, typologies of collections and curatorial purposes, even though they are institutions that solidarily combine scientific-documentary, educational and cultural functions of the University with the seal of the museal action, that is to say, the principles of integration with the society that receives and produces them. As pointed out by Professor Ulpiano Bezerra de Menezes from the USP, "...a museum *for* the University is not enough, a museum created *by* the University encompassing the whole society is needed". The research is based on this line of analysis trying to identify the spaces and the moments in which that potential has taken place, in order to socialize immediately and effectively the knowledge produced, specially as regards academic extension and research.

Key words: University museums. Museum network. Social museology. Porto Alegre. Collective memory. Urban-social imaginarium.

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS EM REDE: DO *ETHOS* DE SABERES AO *HABITUS* DE COMPARTILHAR CONHECIMENTO COM A SOCIEDADE

Jeniffer Cuty
UFRGS - Brasil

A construção de uma rede de saberes e práticas culturais no âmbito acadêmico

Este paper se constrói a partir da experiência de pesquisa e extensão junto aos museus universitários que, em mais de vinte faculdades e institutos, compõem um significativo acervo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Esta escrita se caracteriza especialmente como um exercício de reflexão desse objeto e de suas faces voltadas à produção de conhecimento nesta importante universidade brasileira, a qual lista entre as três maiores do Brasil. Tomamos como *corpus* de análise o contexto das seguintes Instituições Museológicas da UFRGS: Museu de Paleontologia Professor Irajá Damiani Pinto, localizado no Instituto de Geociências, Campus do Vale, o qual abriga acervo de fósseis; o Centro de Memória do Esporte (CEME), que preserva objetos referentes à memória do esporte e da dança e está localizado no Campus Olímpico; e a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, localizada no Instituto de Artes, no Campus Central, que contém acervo de obras de arte em pintura, gravura, escultura, instalações e mídias digitais.

Cabe situar esta reflexão sobre os objetivos e as implicações do projeto Rede de Museus da UFRGS, o qual vem possibilitando esse contato com os acervos e as especificidades de cada Instituição Museológica encontradas nos quatro campi da Universidade. A Rede de Museus é um projeto que busca conhecer esses espaços museais, observando como se formam e se mantêm seus acervos, como se dá o trabalho de preservação e conservação, pesquisa e comunicação museológica nos espaços internos da Universidade. O projeto é coordenado pelo Museu da UFRGS e pelo Curso de Graduação em Museologia dessa Universidade, baseando-se na adesão voluntária dos museus/acervos da Universidade a esta rede. A rede tem como foco de mobilização fortalecer as ações de ensino, pesquisa e extensão próprias de cada espaço museal, viabilizando a interação entre os participantes, propiciando autonomia e visibilidade a esses museus/acervos dentro e fora da Universidade, seguindo o conceito de poder distribuído na articulação de políticas e de atuações científicas, sociais e culturais, conforme conceito de “nós interconectados” de Manuel Castells (1999). A rede está sendo operacionalizada através do mapeamento das Instituições Museológicas da UFRGS, seguindo critérios dispostos no Estatuto dos Museus (lei federal de 2009) e do Código de Ética do ICOM. Além disso, a rede deve promover o acesso à produção textual e outros documentos adequados para ampliar os processos de ação cultural e educativa e de comunicação dos acervos científicos/culturais da Universidade, internamente e nas suas interfaces com a sociedade. Outro projeto de pesquisa vinculado à Rede é denominado Museu Virtual da UFRGS, que foi planejado a fim de criar um ambiente de acesso e popularização desses acervos, visando construir um programa permanente de discussão acadêmica e divulgação da ciência

numa plataforma virtual interativa e colaborativa, voltada à inserção da universidade na sociedade. O uso de ferramentas de construção coletiva em web 2.0 é proposto a fim de agilizar e registrar a comunicação entre as instituições museológicas envolvidas com a Rede, assim como atingir estudantes do ensino fundamental e médio, aguçando a curiosidade e o gosto pela ciência, técnica, cultura e arte entre a comunidade escolar.

Como observa Cristina Bruno (1997) em suas reflexões sobre a museologia, o museu se constrói a partir do debate preservacionista. “É evidente que os museus trabalham com ‘fragmentos do patrimônio’ para ‘parcelas da sociedade’ (BRUNO, 1997, p.9). Sob a perspectiva do recorte de realidade, ainda mais no âmbito de áreas de conhecimento tão específicas e, por sua vez, restritas a especialistas, que a reflexão de museus universitários intramuros se justifica. É o princípio da pesquisa científica de buscar saber muito sobre uma pequeníssima parte altamente relevante em um universo do conhecimento que esses museus parecem se localizar. É ainda da prática docente com objetos de relevância científica, conhecidos, explorados em demandas de suas áreas e linhas de pesquisa que se formam acervos e museus, os quais nos dedicamos a observar, conhecer e analisar do ponto de vista da museologia e da formação de uma rede de museus, para, enfim, propor a sua abertura e interação social fora da Universidade, ou seja, na sociedade que a abriga.

O cotidiano de docência e pesquisa envolve o exercício constante de imersão e deslocamentos sobre os objetos estudados com o propósito de situar professores, pesquisadores e estudantes no interior de fenômeno por ele observado e que o compõe no seu *ethos* de sujeito do saber. A identificação de outros valores, sobretudo culturais, aos objetos inicialmente identificados como de valor científico, e sua aceitação como tal, pode ser vista como um momento dilacerante ao professor/pesquisador. Como categoria inicial de análise de acervos e museus universitários tomamos a ponderação sobre os processos de valoração de bens e objetos no sentido de incorporação consciente de valores culturais, históricos, sociais, antropológicos, pecuniários e de outras naturezas. Como hipótese de trabalho, temos que cientistas de áreas humanas parecem tomar esses outros valores como intrínsecos as suas práticas, ao passo que professores/pesquisadores oriundos das ciências exatas e da terra nos remetem à idéia de permanecerem no interior de seus laboratórios ou campos de pesquisa, desconhecendo os sentidos sociais e culturais adotados por seus objetos de estudo. Tendo em vista as múltiplas interfaces de áreas de conhecimento presentes na formação de artistas plásticos, por exemplo, pensamos que eles estão igualmente abertos a se mostrarem através de seus acervos, verem e serem vistos nas suas produções artísticas. Partimos, então, para a análise das instituições que abrigam acervos próprios da pesquisa em ciências voltadas ao conhecimento da terra, do corpo e das artes, para comprovar ou não nossas hipóteses.

O Museu da Paleontologia da UFRGS como espaço de experimentação social

Se refletirmos o fascínio de crianças e adultos por animais pré-históricos e pelos cenários que os acolhiam, podemos rapidamente pensar que a ciência, ou as ciências, e os cientistas que estudam os tempos

paleontológicos, certamente estão atentos a esse interesse. Assim, consideramos que a Paleontologia já não se caracteriza como uma ciência hermética, pois não está mais restrita apenas aos seus especialistas. Seu objeto principal de estudo são os fósseis, e ela é considerada o ponto de ligação entre a biologia e a geologia, tendo em vista a guarda de material anteriormente orgânico em rochas. Não é difícil encontrar pessoas interessadas em paleontologia, mesmo sem pertencer à área. Esse pode ser um reflexo da curiosidade humana em saber de sua origem, mas pode também significar uma abertura dessa ciência à sociedade. Esta também não é uma área que se restringe aos fósseis, mas preocupa-se em estudar elementos geológicos, a fim de compreender a formação da Terra.

Segundo pesquisa realizada por estudantes de museologia com o tema dos museus da UFRGS, em princípio, eles tinham um imaginário quanto ao campo da paleontologia, que foi desconstruído no decorrer das visitas que fizeram junto ao Museu de Paleontologia da UFRGS. “Pensávamos que se tratava de um acervo muitíssimo frágil, que exigiria um tratamento museológico extremamente complexo”. Entretanto, este pensamento se desfez na primeira visita, quando, ao questionarem sobre as possibilidades de deterioração do acervo, os estudantes foram informados de que, como ele é formado em sua maioria por rochas, ele é resistente a quase todo tipo de ação, seja de agentes biológicos, da temperatura ou da luz. Na segunda visita, os estudantes foram informados que não é tão simples assim, pois algumas coleções exigem, sim, cuidados especiais que não estão acontecendo no momento no Museu da Paleontologia. Foi então que os estudantes avaliaram que a primeira conversa refletia a compreensão de que o museu se limitava à sala de exposições e não contemplava a totalidade das coleções que estão nos laboratórios e salas do Instituto de Geociências.

Em um tempo bem anterior – em Paleontologia usa-se o termo “Tempo Geológico” – muitos outros organismos da fauna e da flora, além de dinossauros, habitaram o planeta. A natureza se encarregou de preservar estes vestígios fossilizando-os, ou seja, petrificando sua matéria orgânica e permitindo que suas formas originais permanecessem intactas. Esse processo é bastante lento e complexo e acontece em menos de 1% das situações, sendo que, geralmente, somente as partes duras fossilizam, o que não impede que alguns polens e esporos fossilizem quando são envolvidos por algum material, âmbar por exemplo. O estudo desse fenômeno natural através de milhões de anos de história da Terra, fez com que os cientistas dividissem o tempo em períodos: Pré-Cambriano, Cambriano, Ordoviciano, Siluriano, Devoniano, Carbonífero, Permiano, Triássico (o dos dinossauros), Jurássico, Cretáceo, Paleógeno e Neógeno. Essa divisão está presente na exposição de longa duração do Museu de Paleontologia da UFRGS e torna bastante didática a visualização desses tempos e da própria perspectiva científica dessa área do conhecimento.

O Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto consolidou-se após a exposição *Antes dos Dinossauros – A Evolução da Vida e o seu registro fóssil no Rio Grande do Sul*, realizada pelo Museu da UFRGS entre agosto de 2004 e abril de 2005 e que atraiu mais de 15 mil visitantes. Tal exposição deixou evidente o interesse e curiosidade do público pelo acervo paleontológico acumulado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde a década de 1940, quando o professor, que dá nome ao museu, iniciou os primeiros estudos na área, ainda nos porões da Faculdade de Direito. Desde então,

muitas gerações de professores e alunos têm estudado e aumentado este acervo que hoje abrange mais de 60.000 peças.

Do ponto de vista do *ethos* do cientista – biólogo ou geólogo – dedicado à pesquisa dos tempos e dos fósseis paleontológicos, os laboratórios são o melhor cenário para caracterizar essa cultura. Consideremos o ritual de coleta, higienização, seleção e classificação dos objetos oriundos do trabalho de campo. A análise comparativa e a tradição taxonômica, sobretudo das ciências biológicas, levam-nos a compreender a reserva dos pesquisadores à exposição dos objetos numa sala dedicada a isso (o Museu da Paleontologia) e mesmo a abertura da “reserva técnica”, ou seja, os laboratórios, a visitantes interessados. Assim, de um lado nos surpreendemos com a disposição dos pesquisadores em criar um excelente espaço para o Museu, com projeto museológico e museográfico exemplares, entretanto, compreendemos as reações adversas a esta nova categoria de valores assumida pelas coleções formadas, ao longo de muitos anos, pelos professores do Instituto de Geociências, Departamento de Paleontologia da UFRGS.

O Centro de Memória do Esporte como espaço de articulação institucional

Se considerarmos, por outro lado, a figura do desportista e o contexto das ciências voltadas ao estudo do corpo, observamos que a interação e a cooperação são práticas possíveis no cotidiano acadêmico e profissional, apesar do forte sentido de competição que marca a formação nessa área. No chamado Campus Olímpico da UFRGS, na Escola Superior de Educação Física (ESEF), está situado o Centro de Memória do Esporte. O CEME, como é conhecido, foi criado em dezembro de 1996, pela então professora Dra. Janice Z. Mazo. Esta instituição museológica foi pensada para resgatar, reconstituir, preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, da dança e das lutas no Rio Grande do Sul e no país. O CEME possui convênio com importantes órgãos da administração federal, entre eles com o Ministério dos Esportes, que viabiliza ações e projetos de comunicação e educação junto ao seu acervo. Além disso, a pesquisa do acervo está marcada pelo intercâmbio com pesquisadores nacionais e internacionais. Com o intuito de promover a investigação sistemática, o CEME constitui-se em um espaço para o diálogo entre profissionais de diferentes disciplinas acadêmicas e orientações teóricas, que partilhem do interesse comum na história do esporte, da educação física, do lazer e da dança.

O contexto em que se insere o CEME é bastante particular. A Escola de Educação Física da UFRGS, criada em 1940, foi a primeira das 17 Escolas de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul e uma das primeiras Escolas civis do Brasil, tornando-se uma referência para as demais. Recentemente, a ESEF foi apontada pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto - INDESP como um Centro de Excelência Esportiva, fato que demonstra o reconhecimento do trabalho desenvolvido pela Escola ao longo de seus 60 anos de existência. Vale ressaltar, que o acervo histórico do CEME, que contempla documentos referentes a essa trajetória da ESEF, tem atendido alunos de mestrado e doutorado não somente da UFRGS, como também pesquisadores de outras universidades, inclusive, de países como Portugal, Espanha e Argentina, marcando assim a

sua conexão com outros contextos acadêmicos, sociais e culturais, não restringindo-se ao seu meio de origem.

O CEME apresenta-se como um local de recuperação e preservação de fontes documentais em forma escrita, oral e iconográfica, que são disponibilizadas aos pesquisadores e ao público em geral, como por exemplo, a escolas de 1º e 2º graus e escolinhas esportivas de diferentes clubes da cidade de Porto Alegre e do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Em conversa com a estagiária e pesquisadora responsável pela catalogação e indexação do acervo, observa-se o orgulho de fazer parte de uma instituição tão “conectada” com as necessidades mais contemporâneas. Luciane Soares, bibliotecária por formação e mestrandia na ESEF, não esconde o seu entusiasmo com o centro de memória, entendendo que a formação de uma rede ligada à formação e educação da área do esporte está por eles proposta.

O acesso às informações geradas pelo CEME é uma preocupação e também sua grande meta, fato que se comprova pela inclusão de fotos do acervo no LUME¹. Desde 1990, a Biblioteca da ESEF organiza o acervo histórico do CEME. O acervo composto por obras antigas e raras foi impulsionado com a aquisição de 130 livros de dança pertencentes ao professor João Luiz Rolla, que durante anos manteve uma das mais importantes escolas de balett clássico de Porto Alegre.

Hoje o CEME possui um acervo de aproximadamente 2500 livros, 30 coleções completas de periódicos nacionais e internacionais relacionados ao esporte, lazer, ginástica e dança. Além do acervo impresso, o Centro possui aproximadamente 80 filmes (super 8 e vídeos), 30 fitas cassete com entrevistas, 300 fotografias e um grande número de artefatos - troféus, medalhas, bandeiras, flâmulas, materiais esportivos, peças de vestuário, antigos equipamentos de laboratórios de fisiologia e bioquímica. Esses constituem, portanto, fontes de investigação científica na área e também de conexão deste espaço museal com outras instituições, de áreas distintas, que possam abrir diálogos com a pesquisa sobre o corpo.

A Pinacoteca como espaço de arte para artista (se) ver

Tomamos ainda como objeto de reflexão a experiência de diagnóstico de estudantes de museologia junto à Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS. Para os estudantes, a pesquisa junto à Pinacoteca levou em consideração duas dimensões da Preservação: a política (no âmbito da instituição e da Universidade) e a física (sobre a materialidade do acervo). Como pressuposto, foram considerados que se as políticas de preservação não forem claramente definidas e integradas entre os setores responsáveis pela instituição, não haverá um lugar adequado à manutenção física do acervo e, conseqüentemente, não haverá uma boa comunicação dele com a sociedade.

¹ LUME: repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. “Os documentos digitais que integram as coleções podem conter texto, imagem, vídeo e áudio, e são, em sua maioria, de acesso livre. Em alguns casos, o acesso é restrito à comunidade da UFRGS.” Fonte: www.lume.ufrgs.br.

O problema central apontado nesse diagnóstico indica uma instituição com mais de 100 anos de existência e com graves atritos de administração desde sua origem - entradas e saídas da Universidade, em função de ter seu próprio regimento. Essa desestrutura histórica reflete na gestão atual da Pinacoteca, composta por três setores distintos - Acervo, Restauro e Galeria - mais um arquivo localizado em outro prédio. Essa desarticulação leva ainda a péssimas condições na edificação, nos bens culturais por ela salvaguardados e, sobretudo, a um diálogo anômalo com a comunidade extramuros do Instituto de Artes (IA).

Do ponto de vista da formação do acervo da Pinacoteca do IA, a aquisição das primeiras peças, ainda por iniciativa do então diretor Libindo Ferrás, foram encomendadas em 1910: as réplicas da Vênus de Milos e do Apolo de Belvedere, para servirem de modelos às aulas de desenho e escultura e que hoje estão localizadas no saguão de entrada do IA. A partir de 1939, o IBA (Instituto de Belas Artes) passou a receber obras premiadas pelo Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Também foram adquiridas peças do Salão Pan-Americano, que comemorou os 50 anos do IBA. Mais tarde, na década de 1970 foram incorporadas as obras premiadas no Salão de Artes Plásticas da UFRGS. Paralelamente às aquisições, este acervo continua crescendo, principalmente, pelas doações de professores e alunos que passaram pelo Instituto, e de artistas convidados. Seu acervo pode ser dividido em pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, fotografias e multimídia.

Nas entrevistas efetuadas pelos estudantes, verificou-se uma grande necessidade das coordenadoras da Pinacoteca em demonstrarem o trabalho que estava sendo feito em seus respectivos setores e sua comunicação à sociedade artística, especificamente. Conclui-se que a ênfase dada ao diálogo entre artistas para artistas, quase de forma exclusiva, impede, em certa medida, a criação de uma cultura de diálogo com outros olhares e mesmo com a formação de público crítico para o debate das artes visuais. Conforme análise de estudantes, a administração da Pinacoteca reflete a própria história do IA, marcadamente fragmentada, com uma gestão autônoma e que dificulta a integração dos setores e, conseqüentemente, a realização de projetos que objetivem uma reforma estrutural desta instituição museológica.

Revela-se, portanto, necessária uma comunicação mais profunda com a comunidade não artística, para que ela se sinta motivada a ajudar e manter as atividades proporcionadas pela Pinacoteca, como ocorreu nos anos 1940, quando da grande campanha dos “legionários do Instituto” para construção de uma nova sede, a atual. Se esse tipo de apropriação não existir na comunidade do entorno, educada por meios de educação patrimonial, seremos obrigados a conviver com uma arte distante, que só faz sentido para o artista, conforme observa Bourdieu:

A obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, de decifrá-la. O grau de competência artística de um agente é avaliado pelo grau de seu controle relativo ao conjunto dos instrumentos da apropriação da obra de arte, disponíveis em determinado momento de tempo. (BOURDIEU e DARBEL, 2003, p.71)

O ponto forte da Pinacoteca está centrado no projeto Total Presença (2008-2010), capitaneado pela coordenação do Acervo. Esse projeto objetiva não apenas a realização de uma exposição, de um catálogo digital de obras

nas suas técnicas específicas (pinturas, gravuras, esculturas, etc), mas o inventário dos objetos do acervo. Com esse trabalho de resgate e registro das obras, em catálogo e banco de dados, a função primordial do “museu” de preservar está cumprida. Neste caso, podemos avaliar que a dificuldade de abertura da Pinacoteca do IA para o público em geral, não-artista, através de suas exposições, pode ser minimizada se pensarmos na recuperação da informação promovida pelo projeto Total Presença, e pela figura do pesquisador das artes, que busca informações sobre artistas e obras relevantes no panorama local, nacional e internacional, e que pode tomar como referência os dados ali inseridos.

Conclusão

O contato do projeto da Rede de Museus e dos estudantes de graduação em museologia da UFRGS com museus universitários distintos nas suas trajetórias e, sobretudo, nos seus *ethos* de formação e atuação, representa um grande passo na descoberta das nuances que configuram a identidade da grande instituição que os abriga, a Universidade. Cabe ressaltar a importância dos movimentos de articulação política para a realização do projeto de pesquisa e extensão da Rede, porém, vale analisar os deslocamentos de cada “investigador” em campo, em busca de informações, de sentidos dados àqueles objetos expostos ou guardados em armários antigos, algumas vezes nos próprios corredores das faculdades e dos institutos da UFRGS. Perceber o entusiasmo por objetos que contam a história deles, que é nossa também, e da cidade, e daquela área de conhecimento, já justifica o desafio de tornar próximo o distante e de se distanciar daquilo que é familiar, parafraseando Roberto DaMatta.

Se compreendermos que os sentidos sociais e culturais são intrínsecos ao fazer acadêmico, estamos abrindo caminho para a identificação de comunidades éticas e de redes de cooperação múltiplas que podem se interconectar e as quais independem de um recorte territorial ou de uma delimitação institucional. Cabe observar que quando nos referimos a uma comunidade científica estamos linkando o museu com outros semelhantes em sua missão e pesquisa, ao passo que falar em comunidade acadêmica, significaria pensar esse museu restrito ao âmbito da Universidade. Por comunidade ética entendemos aquela que pode ser formada, espontaneamente, por sujeitos ligados ou não à Universidade que se revelam comprometidos em pesquisar e acessar o museu na sua integridade, ou seja, cumprindo a tarefa primordial de preservação das coleções. A memória, por sua vez, segue nos indivíduos e não deslocada deles. É ela que nos possibilita comunicar nossas coleções, os objetos e nossas pesquisas. O espaço do museu está a serviço da relação sujeito-objeto, ambos se transformando mutuamente. É nesse espaço que vemos outros e nos vemos para nos avaliar. É nele também que podemos ser vistos para ser compreendidos e para superar pré-concepções de senso comum, aquelas que nos atraem às ciências, aos esportes e às artes, mas que, curiosamente ou não, podem nos manter distantes delas.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia e BELTRAO, Jane Felipe (org). *Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Nova Letra, 2007. p.263-285.
- BOECHER, Claudia. *Notas de Entrevista*. UFRGS, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte da Europa e seu público*. São Paulo: Zouk, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRITES, Blanca. *Notas de Entrevista*. IA/UFRGS, 2010.
- BRUNO, Cristina. *Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos*. Cadernos de Sociomuseologia. ULHT: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias n.10, 1997.
- CARVALHO, Ana Maria Albani de. *Notas de Entrevista*. IA/UFRGS.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COIMBRA, João Carlos et al. *Antes dos Dinossauros: A Evolução da vida e o seu registro fóssil no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, Catálogo da exposição, 2004.
- FERNANDES, Aline; RICARDO, Cecília et al. *Plano de Preservação e Conservação: Museu de Paleontologia Professor Irajá Damiani Pinto*. Trabalho final da disciplina de Conservação e Preservação de Bens Culturais, ministrada pela profa. Jeniffer Cuty. Porto Alegre: FABICO, UFRGS, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- ICOM (Org.). *Diagnóstico de Conservação: Modelo Proposto para Avaliar as Necessidades do Gerenciamento Ambiental em Museus*. Disponível em: <http://www.icom.org.br/Diagnostico_de_Conservacao_Modelo.pdf>. Acesso em: 10 maio 2010.
- MUSEU NACIONAL-UFRJ. *Dinos Virtuais: Exposição de Paleovertebrados*. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/dinosvirtuais/catalogo/index.html>>. Acesso em: 01 maio 2010.
- OLIVEIRA, João; CALLAPEZ, Pedro; DIAS, Emanuel. *Iniciação à Paleontologia e à História da Terra*. Disponível em: <<http://fossil.uc.pt/index.htm>>. Acesso em: 2 maio 2010.
- SIMON, Círio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: Etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de artes visuais no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (Tese de doutorado). Disponível em: <http://www.ciriosimon.pro.br/int/int.html>. Acesso em: 19 abr. 2010.
- UFRGS, INSTITUTO DE ARTES. Disponível em: www.artes.ufrgs.br. Acesso em: 12 abr. 2010.
- ZUCHETTI, Caroline; BARTZ, Gabriel, et al. *Plano de Preservação e Conservação: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo*. Trabalho final da disciplina de Conservação e Preservação de Bens Culturais, ministrada pela profa. Jeniffer Cuty. Porto Alegre: FABICO, UFRGS, 2010.